

Calibre 2.568

Maria Clara Machado de Souza Dias*

(María Teresa Panchillo)

Me disparan desde la moneda
Con bala de calibre 2.568
Me distarán por tierra
Por papeles y lápiz,
Letra por letra me dispara
Porque soy poesía –madre
Naciente
En la resistencia
Porque soy canción celeste del universo
Porque mis hijos se levantan
Enfurecidos y sonrientes
En las comunidades
Asumen la emigración
En las ciudades
Buscándome
Dentro de las urbes nocturnas
Confusas
Entre ladridos de perros
Sirenas
Disparos
Bombas lacrimógenas
Porque soy mapuche –pueblo
No me matarán por decretos



Ni con balas
De calibre recién inventado.
Podrán herirme
Cercarme con estacas
Y alambres púas
Arrancarme de raíz
Los árboles.
Pero no entenderán
Cuando suene
El kullkull y la xuxuka
Recuperaré la sangre
De mis óvulos florecientes
Seguiré procreando hijos indomables
A defenderme.
Porque soy padre-madre fuerza de la tierra
No acallarán las voces de mis hijas maternas
Proclamándome desde el vientre del tiempo
Desde la prisión renaceré como fuego encendido
Bajaré de los volcanes armada de canciones y palabras nuevas
Porque en quinientos años
Nunca han podido dispararme en la boca

Tradução

Calibre 2.568

(Maria Clara Machado de Souza Dias)

Disparam-me desde a moeda
Com bala de calibre 2.568
Irão me distanciar por terra
Por papéis e lápis,
Atinge-me letra por letra
Porque sou poesia –mãe
Nascente
Na resistência
Porque sou canção celeste do universo
Porque meus filhos se levantam
Enfurecidos e sorridentes
Nas comunidades
Assumem a emigração
Nas cidades
A minha procura
Dentro das cidades noturnas
Confusas
Entre latidos de cães
Sirenes
Tiros
Bombas de gás lacrimogêneo
Porque sou mapuche – povo
Não me matarão por decretos
Nem com balas
De calibre recém-inventado.
Podem me ferir

Cercar-me com estacas
E arame farpado
Arrancarem-me pela raiz
As árvores.
Mas não entenderão
Quando soar
O kullkull* e a xuxuka*
Recuperarei o sangue
Dos meus óvulos a florescer
Seguirei procriando filhos indomáveis
Para me defenderem.
Porque sou a força pai-mãe da natureza
Não calarão as vozes de minhas filhas maternais
Proclamando-me do ventre do tempo
Da prisão renascerei como fogo aceso
Descerei dos vulcões armada de canções e palavras novas
Porque em quinhentos anos
Nunca foram capazes de atirar em minha boca.